

Mirella Mileidy dos Anjos Assunção Luz

**Material didático no ensino de artes  
na Escola Industrial e Comercial do Mindelo – Cabo Verde**

Brasília, 2013

Mirella Mileidy dos Anjos Assunção da Luz

**Material didático no ensino de artes  
na Escola Industrial e Comercial do Mindelo – Cabo Verde**

Trabalho de conclusão de curso de Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. MA. Mariana Bertelli Pagotto

Brasília, 2013

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| I - HISTÓRIA DO ENSINO EM CABO VERDE .....   | 6  |
| 1.1 <i>Sobre Cabo Verde</i> .....  | 6  |
| 1.2 <i>O desenvolvimento do ensino</i> .....   | 7  |
| II O CURSO DE ARTES GRÁFICAS EM CABO VERDE .....   | 12 |
| 2.1 <i>Artes Gráficas na Escola Industrial e Comercial do Mindelo</i> .....                      | 12 |
| 2.2 <i>O material didático nas Artes Gráficas da EICM</i> .....                                  | 16 |
| III PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO .....  | 22 |
| CONCLUSÃO .....  | 31 |
| ANEXOS .....   | 33 |
| ANEXO A – Material didático proposto.....  | 33 |
| ANEXO B – Questionário aplicado à Prof. <sup>a</sup> Fernanda Jardim, 1 de Outubro de 2013 ..... | 39 |
| ANEXO C – Questionário aplicado à Profa. Sara Azevedo, 6 de Novembro de 2013.....                | 40 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....   | 42 |

## LISTA DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1 - Capa do livro “Vamos fazer um monte de arte” Fonte: DEUCHARS, Marion. Vamos fazer um monte de arte. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2011.....  | 26  |
| Figura 2 - Página do livro “Let’s make some great art” Disponível em <a href="http://www.amazon.co.uk/s/ref=nb_sb_ss_i_o_9?url=search-alias%3Dstripbooks&amp;field-keywords=marion+deuchars&amp;srefix=marion+de%2Cstripbooks%2C661&amp;rh=n%3A266239%2Ck%3Amarion+deuchars">www.amazon.co.uk/s/ref=nb_sb_ss_i_o_9?url=search-alias%3Dstripbooks&amp;field-keywords=marion+deuchars&amp;srefix=marion+de%2Cstripbooks%2C661&amp;rh=n%3A266239%2Ck%3Amarion+deuchars</a> acesso em 9/12/2013..... | 266 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|  |     |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Organograma do Sistema Educativo em Cabo Verde. Disponível em <a href="http://bdigital.unipiaget.cv:8080/dspace/bitstream/10964/114/1/Maria%20Morais.pdf">http://bdigital.unipiaget.cv:8080/dspace/bitstream/10964/114/1/Maria%20Morais.pdf</a> . acesso em 20/10/2013 ..... | 133 |
|--|-----|

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 - Plano de estudos para o curso de Artes Gráficas. Fonte: Escola Industrial e Comercial do Mindelo .....   | 15 |
| Quadro 2 - Divisão de material didático segundo os suportes. Disponível em <a href="http://arquivos.unama.br/nead/temporario/materiais-didaticos.pdf">http://arquivos.unama.br/nead/temporario/materiais-didaticos.pdf</a> . acesso em 25/10/2013       | 18 |
| Quadro 3 - A atividade do docente durante o desenvolvimento do Projeto, Fonte: HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto alegre: Artes Médicas, 1998 ... | 24 |
| Quadro 4 - A atividade dos alunos durante a realização do Projeto. In HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto alegre: Artes Médicas, 1998. ....        | 24 |

## INTRODUÇÃO

O estudo desenvolvido nesta monografia deve-se a um problema detectado ao longo dos três Estágios Supervisionados em Artes Plásticas, disciplinas obrigatórias do curso de licenciatura em Artes Plásticas. Hoje, no Distrito Federal, existe grandes défices de recursos e materiais didáticos nas escolas públicas, principalmente para a disciplina de Artes. Os relatos de vários professores do Distrito Federal dizendo que tinham que improvisar para lecionar os conteúdos obrigatórios, mostravam o desânimo a que se tinham chegado. Esses relatos fizeram lembrar, de certo modo, momentos do meu ensino médio em Cabo Verde. Desse modo, o problema do material didático aflorou a necessidade de entender mais afundo o seu papel no processo educativo.

No ensino secundário (equivalente ao ensino médio no Brasil), em Cabo Verde, há uma defasagem muito grande entre os conteúdos ensinados, os recursos utilizados e os materiais didáticos de apoio. Isso deve-se ao fato de não terem sido desenvolvidos dentro da realidade cabo-verdiana. Os livros contêm propostas muito bonitas e divertidas, mas não conseguíamos executá-las por não termos os recursos necessários. Para conhecer um pouco sobre Cabo Verde e como se desenvolveu o ensino, faz-se uma abordagem histórica dos principais marcos, das principais escolas e liceus que atuaram no desenvolvimento do ensino. Nas duas formas do ensino secundário, regular ou técnico, há destaque para a via técnica, e o um curso de Artes Gráficas.

O capítulo sobre o curso de Artes Gráficas mostra como se estrutura o ensino em Cabo Verde e em que momento o ensino técnico nele se insere. O ensino técnico foi inserido inicialmente para dar resposta à necessidade de quadros técnicos e o curso das Artes Gráficas surgiu no mesmo intuito. Mas, atualmente, as necessidades e as demandas mudaram, porém os cursos nem tanto. Para investigar o estado da arte do curso de Artes Gráficas, no que diz respeito aos

materiais didáticos, um questionário foi aplicado a professores da escola, a <sup>1</sup>Escola Industrial e Comercial do Mindelo.

A partir das dificuldades apresentadas por eles, no capítulo seguinte se apresentam bases para o desenvolvimento de um material didático para a disciplina de Práticas Oficiniais. Um material baseado na proposta de Projeto de Trabalho de Fernando Hernández e de Montserrat Ventura (1998), em que há no processo de organização do projeto, a participação do aluno junto com o professor. O aluno torna-se responsável também pelo seu aprendizado, deixando de ser passivo em relação ao que o professor apresenta. O conteúdo escolhido para fazer o material didático (serigrafia) faz parte dos conteúdos da disciplina escolhida. A apresentação desse conteúdo é baseada em ilustrações e livros de Keri Smith e Marion Deuchars, que trazem ideias criativas de atividades e formas de apresentar conteúdo.

Com esse modelo, espera-se contribuir com novas possibilidades de material didático, podendo desenvolver pesquisas para aplicá-lo nas escolas e assim aperfeiçoá-lo.

---

<sup>1</sup> A Escola Industrial e Comercial do Mindelo situa-se na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente, a terceira ilha mais populosa de Cabo Verde, sendo a ilha de Santiago a mais populosa e onde está a cidade capital do país, cidade da Praia.

## I - HISTÓRIA DO ENSINO EM CABO VERDE

### *1.1 Sobre Cabo Verde*

Para começar este capítulo se faz necessário fazer uma breve introdução sobre Cabo Verde, para localizarmos geograficamente e conhecermos alguns pontos importantes deste país.

Cabo Verde é um arquipélago situado no Oceano Atlântico a aproximadamente 499 km da costa do Continente Africano. De origem vulcânica, é formado por dez ilhas dispostas em formato de ferradura, divididas em dois grupos nomeados de acordo com os ventos dominantes: Barlavento (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista) e Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava). Cabo Verde foi descoberto em 1460 pelo genovês António da Noli e pelo português Diogo Afonso. A escassez de plantas e animais fez com que os colonizadores das ilhas trouxessem tudo de fora, fazendo desse território um verdadeiro campo de experimentação. O que motivou a ocupação de Cabo Verde foi a sua posição geográfica estratégica, priorizando então as atividades de navegação e comércio (plantas, animais, escravos, etc.). O povoamento de Cabo Verde foi bem lento devido às condições naturais difíceis. Durante a história de Cabo Verde, milhares de pessoas morreram de fome, devido a várias secas periódicas e muito prolongadas. Essas secas levaram muitos cabo-verdianos a emigrarem, buscando melhores condições de vida e emprego, fazendo com que o

número de cabo-verdianos na diáspora seja mais do que o dobro do número de habitantes em Cabo Verde.

Cabo Verde esteve presente na história do descobrimento de vários outros países. A caminho da Índia, Vasco da Gama passou por lá para abastecer as embarcações, assim como Pedro Álvares Cabral a caminho do Brasil.

## ***1.2 O desenvolvimento do ensino***

Para abordar o desenvolvimento do ensino em Cabo Verde, serão enfatizadas as ilhas de Santiago, São Nicolau e São Vicente, ilhas onde aconteceram os fatos mais marcantes no ensino em Cabo Verde.

Em Cabo Verde o ensino foi introduzido pelos Portugueses, com a chegada dos Franciscanos, inicialmente na ilha da Santiago, para catequizar e alfabetizar. O principal objetivo do ensino era a ordenação de sacerdotes, difundindo conhecimentos e valores da cultura europeia, garantindo assim a continuidade da nação. Segundo Maria Santos Trigueiros, Licenciada em Ciências da Educação, não se tinha preocupação com a emancipação intelectual e social do indivíduo, afinal, “a missão era aprender a ler para aprender a rezar” (Trigueiros, 2010, p. 37). Os escravos que sabiam ler e escrever também possuíam grande valor comercial, o que mostra também o interesse econômico no ensino.

A primeira escola em Cabo Verde data de 1535, e se localizava em Cidade Velha (antiga Ribeira Grande), ilha de Santiago, onde se ensinava apenas Gramática Latina e Moral. Trinta e cinco anos mais tarde, na mesma cidade, foi inaugurado um Seminário que não chegou a funcionar, em 1657 fundou-se um Convento onde eram ministravam aulas de Moral, Latim e Teologia. A preocupação com o ensino das meninas vinha se afluando numa época em que a mulher era considerada inferior ao homem. Porém, as escolas para meninas e para meninos ainda eram separadas.



A Primeira Escola do Ensino Primário Oficial surgiu em 1817, porém foi fechada tempos depois, pelo falecimento do professor e a inexistência de outro para substituí-lo. A escola foi reaberta três anos depois. A falta de verba impossibilitava a criação de muitas escolas do ensino primário, todavia, em 1840 melhoraram as verbas para o ensino, o que resultou na criação de mais escolas.

Com a proposta de reestruturação da Instrução Primária e a criação do Conselho Inspetor de Instrução Pública em 1845, o currículo do Ensino Primário foi composto na escola elementar pelas disciplinas de: Leitura, Princípios de Geografia, Escrita, Aritmética, História Sagrada e História de Portugal. Já na escola principal ministrava-se, para além das disciplinas da escola elementar, Desenho, Geografia, Física e Escrituração (PEREIRA, 2010, p.65-69). Os livros didáticos normalmente utilizados nas escolas eram portugueses, o que distanciava de certo modo a realidade do aluno caboverdiano.

Em 1877, com a Reforma Orgânica de Instrução Básica, estruturou-se o ensino em suas bases com diferentes modalidades e graus. Investiu-se na criação de novos postos de ensino e nas escolas de formação profissional. As escolas primárias deixaram de ser dependentes das Câmaras Municipais para fazerem parte da Administração Pública, o que não resolveu o problema das verbas no momento em que faltou escolas para tantos interessados. Foi nesse contexto que entraram em ação vários homens que apoiavam o ensino, e mesmo sem salas ou qualquer estrutura, ensinavam gratuitamente a ler, escrever, fazer as quatro operações de aritmética entre outros ensinamentos. Muitas vezes essas ações eram a solução para os alunos que teriam que percorrer grandes distâncias a postos de ensino, se submetendo a perigos de ordem natural. É importante ressaltar que algumas ilhas de Cabo Verde possuem muitas montanhas com estradas perigosas por onde as pessoas tinham de se aventurar para chegar a outras localidades. O governo apoiava e respeitava essas ações e, com o Regulamento das Escolas Particulares de 20 de Agosto de 1872, é oficializado o ensino particular, sendo essas escolas sujeitas à inspeção do Conselho Inspetor de Instrução Pública.

Pela Portaria 368-A, de 30 de Outubro de 1917, foi declarada a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário elementar para crianças com

idade compreendida entre sete e quatorze anos. Porém, mediante vários fatores como a falta de professores licenciados e a deficiência de verbas para remunerá-los e para construir novas escolas, esta medida não foi cumprida.

O ensino secundário por sua vez surge com a criação do Liceu Nacional de Cabo Verde pela Portaria Nº 313-A, de 15 de Dezembro de 1860 publicada no Boletim Oficial Nº83, de 22 de Dezembro do mesmo ano. No liceu, ministraram-se as disciplinas do ensino primário e também Latim, Filosofia, Moral, Teologia, Francês, Inglês, Matemática, Desenho e Rudimentos da Náutica. Porém, o liceu veio a se extinguir em 1862 por falta de professores. Seis anos passados foi criado o Seminário-Liceu de Cabo Verde na ilha de S. Nicolau, fomentando tanto para o trabalho e a luta da vida quanto para o sacerdócio, motivo pelo qual o Bispo D. José Alves Feijó, fundador do Seminário, mandou vir de Portugal, nove professores. O ensino no Seminário-Liceu dividia-se em dois ciclos: Estudos ou Curso Preparatório, que era composto pela Instrução Primária e a Secundária, e o Curso Superior, destinado à formação do sacerdócio. O Seminário-Liceu perdurou por cinquenta e um anos e foi extinto por mudança de ideologias e políticas. De lá se formaram vários alunos que depois passaram a fazer parte do corpo docente de várias escolas espalhadas por Cabo Verde, além de outros que se dedicaram ao serviço público.

No mesmo momento em que se extinguiu o Seminário-Liceu na ilha de São Nicolau criava-se o Liceu Nacional de Cabo Verde em 1917 na ilha de São Vicente, sendo que o curso profissionalizante previsto não chegara a funcionar (PEREIRA, 2010, p. 201-202). A mudança de seminário para liceu deveu-se principalmente a mudanças políticas.

A ilha de São Vicente vivia grande fluxo de migração interna devido ao dinamismo que o Porto Grande sofria, com atividades como a pesca de baleia, a chegada dos barcos ingleses e a instalação das companhias carvoeiras inglesas. Por razão dessa movimentação em São Vicente, o Senador Vera-Cruz conseguiu em 1917 que o Liceu Nacional de Cabo Verde fosse transferido para São Vicente, ficando instalado gratuitamente na sua própria residência. Em 1921, o <sup>2</sup>Senador

---

<sup>2</sup> O Senador Vera-Cruz foi um homem autodidata que lutou pelos interesses e desenvolvimento de Cabo Verde. Representou Cabo Verde no Parlamento Português e conseguiu a publicação da lei que extinguiu o Seminário-Liceu e criava o Liceu Nacional de Cabo Verde.

Vera-Cruz conseguiu instalações definitivas para o Liceu. Os horizontes que o Liceu Nacional de Cabo Verde almejava, ultrapassavam o caráter religioso que tinha o Seminário-Liceu, abraçando novos campos do saber.

Em 1928, o Liceu Nacional de Cabo Verde passou a se chamar Liceu Infante Dom Henrique após a instauração do Curso Complementar. Em 26 de Outubro de 1937, sem aviso prévio, o liceu foi extinto, e, por revolta e pressão da população de todas as ilhas, em nove de Novembro do mesmo ano já se tinha a notícia da reabertura do liceu. As autoridades coloniais viam que o liceu tomava rumos que os desfavoreciam, pois estava formando intelectuais. Tanto era essa a preocupação e motivação deles que no mesmo decreto que extinguiu o liceu, se criariam duas escolas, uma comercial e industrial na ilha de São Vicente e outra agrícola na cidade da Praia, ilha de Santiago. Precisava-se de mão de obra especializada.

As entidades próximas de Cabo Verde entendiam a importância do ensino técnico, mas defendiam a possibilidade de coexistir com o ensino liceal. Ainda em 1938 o liceu passou a se chamar Liceu <sup>3</sup>Gil Eanes, e por muito tempo o liceu em S. Vicente foi o único em Cabo Verde. Por causa do aumento da demanda para estudar no liceu e a falta de vagas para atender a todos, viu-se a necessidade de se criar a Secção do Liceu Gil Eanes na cidade da Praia, atendendo as ilhas de Sotavento. A Secção do Liceu Gil Eanes seria uma subdivisão ou uma parte do Liceu Gil Eanes.

Em 1917, no ensino técnico, encontrávamos os seguintes ramos: Ensino Profissional da Arte Marítima, com o objetivo de formar pilotos da marinha mercante, marinheiros, pescadores e mestres de cabotagem; o Ensino Profissional Agrícola e o Ensino Profissional Industrial. (PEREIRA, 2010, p.231-244)

Em 1955, o Decreto Nº40 198 de 22 de junho, cria a Escola Técnica Elementar do Mindelo, instalando-se inicialmente em uma parte do Liceu Gil Eanes. Conhecida por Escola Industrial e Comercial do Mindelo a partir de 1958 iniciou três cursos técnicos profissionalizantes: Comércio, Montador/Eletricista e Formação Feminina. Em 1961/62 foram introduzidos no currículo da Escola os cursos de

---

<sup>3</sup> Gil Eanes foi um navegador português que reforçou o papel de Portugal como nação marítima ao conseguir navegar para além do Cabo Bojador em 1434. Esse lugar era temido pelos descobridores da época.

Serralheiro Mecânico e de Carpinteiro, e com a expansão em 1972/73, a escola passara a ministrar cursos de Administração, Formação Feminina, Eletricidade, Mecânica, Construção Civil e Carpinteiro Marceneiro. (TRIGUEIROS, 2010, p.67-68)

Em Abril de 1975, o Liceu Gil Eanes passou a chamar-se Liceu Ludgero Lima.

E essa evolução imposta pela História com todas as suas condições geográficas, religiosas, sociais, políticas e econômicas teve como resultado a emancipação intelectual, cultural, política do povo cabo-verdiano, que, apesar da sua pequenez territorial e das dificuldades naturais, conseguiu alcançar o estatuto de nação. A educação funcionou assim como mola impulsadora tanto na afirmação da identidade nacional como na libertação do poder colonial. (TRIGUEIROS, 2010, p.69)

O ensino em Cabo Verde sempre foi muito valorizado pela população local, que das grandes dificuldades, soube extrair a riqueza que existe em aprender e em ensinar, destacando-se pela sua prontidão e coragem. O ensino em Cabo Verde continua crescendo de pouco a pouco, nos mares do Ensino de Graduação, garantindo a formação intelectual daqueles jovens que não buscam os caminhos já conhecidos da emigração.

## **II O CURSO DE ARTES GRÁFICAS EM CABO VERDE**

### ***2.1 Artes Gráficas na Escola Industrial e Comercial do Mindelo***

Antes de conhecer o curso de Artes Gráficas é importante conhecer a estrutura atual do ensino secundário onde o ensino técnico está inserido. A Lei de Bases do Sistema Educativo de Cabo Verde (LBSE) foi elaborada em 1990 e revista em 1999, estabelecendo a organização e funcionamento do sistema educativo, o que inclui os princípios gerais do ensino técnico.

Segundo esse sistema, a Educação Pré-Escolar ocorre quando a criança tem entre três e os seis anos de idade e vai para o jardim de infância ou como se diz no Brasil, para a creche. A escolaridade obrigatória é o Ensino Básico (1ª, 2ª e 3ª fases), correspondendo à idade de seis a doze anos. Pode-se dizer que, ao considerar a faixa etária dos estudantes, o ensino secundário em Cabo Verde corresponde ao ensino médio no Brasil. Em Cabo Verde, chama-se ensino médio a formação de professores do Ensino Básico Integrado (EBI) pelo Instituto Pedagógico. A estrutura do sistema educativo da LBSE se mantém hoje (ver Gráfico I).

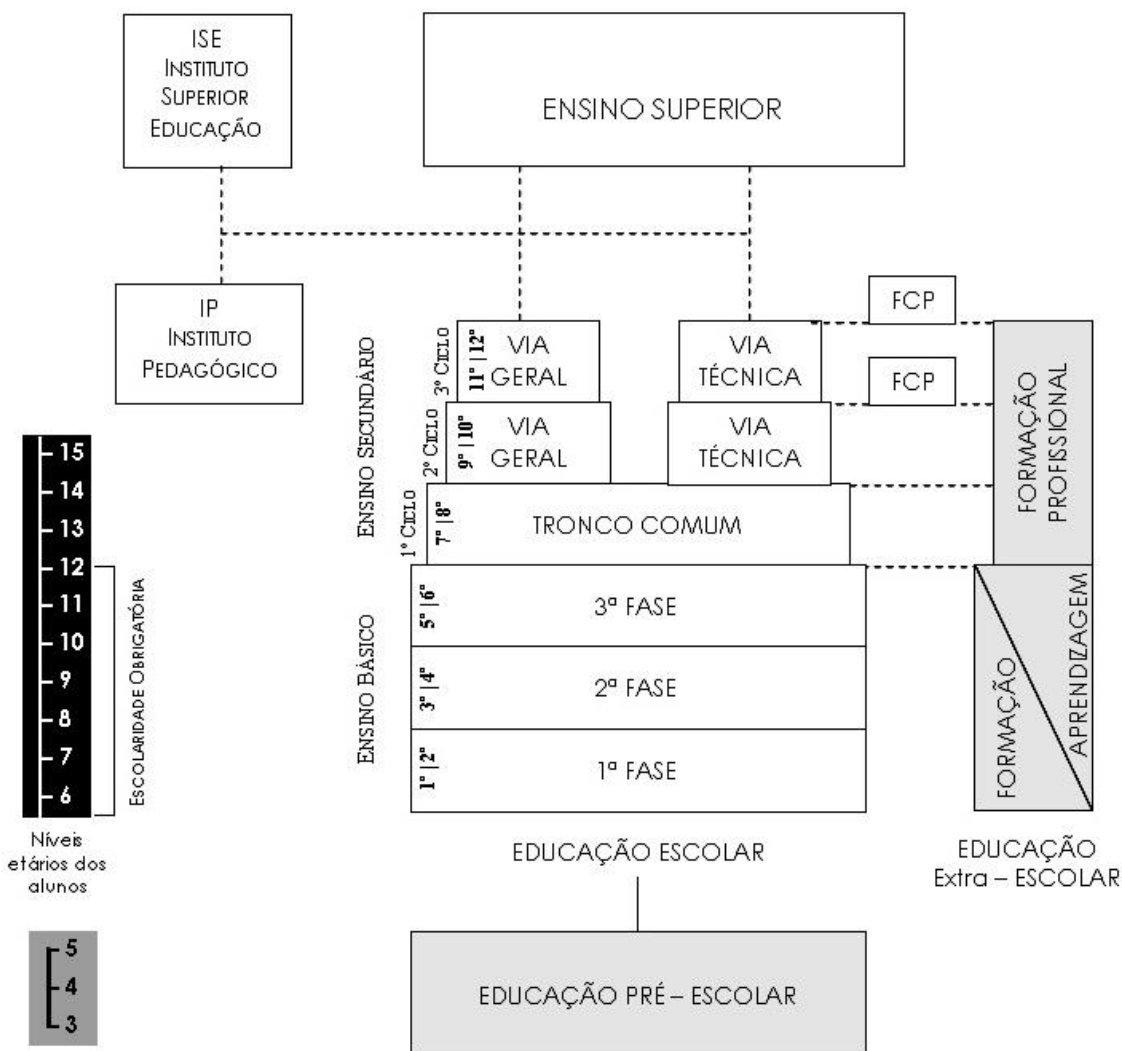


Gráfico 1 - Organograma do Sistema Educativo em Cabo Verde. Disponível em <http://bdigital.unipiaget.cv:8080/dspace/bitstream/10964/114/1/Maria%20Morais.pdf>. Acesso em 20/10/2013

Segundo a LBSE Capítulo III, Secção II, Subsecção II, art.º 26, o ensino secundário técnico tem o objetivo de preparar o indivíduo para o ingresso na vida profissional. Este se dá no segundo e terceiro ciclos com duração de dois anos cada. A escolha pela via técnica é opcional para o aluno, sendo que do contrário, segue-se a via geral. No terceiro ciclo, os conhecimentos específicos são reforçados em cada área de conhecimento ou curso.

Na via técnica, a Escola Industrial e Comercial do Mindelo (EICM) oferece os cursos de Contabilidade e Administração, Artes Gráficas, Informática de Gestão, Eletricidade / Eletrônica e Construção Civil, sendo os currículos compostos por disciplinas de formação geral e de formação específica.

O curso de Artes Gráficas na EICM está funcionando desde 2005 e é o único em todo o país. A sua criação teve como finalidade dar resposta à falta de profissionais com formação artística e oficial adequadas nas áreas de ilustração, publicidade gráfica, imprensa, entre outras.

O quadro a seguir mostra quais são as disciplinas ministradas no curso das Artes Gráficas, com a quantidade de horas semanais e sua distribuição pelos dois anos do 3º Ciclo (11º e 12º), os últimos anos do ensino secundário. O +1 (a) corresponde a mais um ano de formação técnica (formação complementar profissionalizante) que é opcional para o aluno. Os números 36 da linha total correspondem a quantidade de horas semanais em cada ano (11º e 12º).

| <b>Plano de Estudos para o curso de Artes Gráficas</b> |                                   |             |             |                |
|--|-----------------------------------|-------------|-------------|----------------|
|  | <b>DISCIPLINAS</b>                | <b>11.º</b> | <b>12.º</b> | <b>+ 1 (a)</b> |
| <b>FORMAÇÃO GERAL</b>                                  | Português                         | 3           | 3           |                |
|  | Língua Estrangeira I ou II (b)    | 3           | 3           |                |
|  | Matemática                        | 4           | 4           |                |
|  | Física/Química                    | 3           | 3           |                |
|  | Educação Física                   | 2           | 2           |                |
|  | <b>Sub-total</b>                  | <b>15</b>   | <b>15</b>   |                |
| <b>FORMAÇÃO ESPECÍFICA</b>                             | Geometria Descritiva              | 2           | 3           |                |
|  | História da Arte                  | 2           | 2           |                |
|  | Desenho                           | 3           | 2           |                |
|  | Informática Aplicada              | 4           | 4           |                |
|  | Práticas Oficinais/Labor./Atelier | 10          | 10          |                |
|  | <b>Sub-total</b>                  | <b>21</b>   | <b>21</b>   |                |
|  | <b>Total</b>                      | <b>36</b>   | <b>36</b>   | <b>720</b>     |

Quadro 1 - Plano de estudos para o curso de Artes Gráficas. Fonte: Escola Industrial e Comercial do Mindelo.

Para a realização das aulas os professores dispõem, no caso das Artes Gráficas, de uma sala de informática, um laboratório, uma câmara escura, uma sala de impressão e secagem além de sala de desenho e salas comuns para as disciplinas de formação geral. Os materiais “disponibilizados” pela escola são: materiais de fotografia (máquina fotográfica, revelador, fixador, papel fotográfico), materiais de impressão (prensa, estufa, carrossel, tintas próprias para impressão, rodo, tela para serigrafia, quadros, estopa), materiais para gravura (goivas, madeiras para xilogravura, linóleo) e softwares como o *Power Point*, *Photoshop*, *Corel Draw*, *Illustrator*, *In Design*, entre outros.

Os recursos existentes atualmente como as máquinas de secagem e de impressão em offset, são oriundos de um grande investimento feito quando o curso de Artes Gráficas foi instituído, porém sem manutenção ou desuso por falta de consumíveis.



## **2.2 O material didático nas Artes Gráficas da EICM**

Pela definição da Prof.<sup>a</sup> Denise Bandeira, Mestre em Educação pela UFPR, materiais didáticos são todos os instrumentos utilizados para fins didáticos (2009, p.14). E no caso da área artística, o pesquisador Geraldo Loyola afirma que:

O material didático para a Arte deve ser instigante e despertar a curiosidade dos alunos, deve tocá-los esteticamente, no sentido de provocar estímulos e interesse em saber do que se trata, do que é feito, da possibilidade de experimentá-lo e compreendê-lo etc. (2010, p1).

A história do material didático está diretamente ligada ao surgimento e desenvolvimento tanto da escrita quanto do livro, já que nos tempos mais antigos, o livro era a única ferramenta do professor. De acordo com a Profa. Vera Lúcia Oliveira e Paiva, de todos os suportes que existiram, o papel foi o que possibilitou maior inserção de práticas que envolvessem a escrita, e no caso, a prática educativa. Com o desenvolvimento do formato códex, que é o que mais se aproxima dos formatos de livros (impressos) atuais, e a utilização dos dois lados das folhas, os livros passaram a agrupar um maior número de textos facilitando tanto a leitura como a utilização de menos materiais tornando os livros mais leves. Os livros deixaram de ser tão raros e produzidos por escravos ou pelos próprios alunos das antigas universidades. Paiva afirma que o primeiro livro didático feito para o aluno foi uma gramática de hebraico lançado em 1578 pelo Cardeal Bellarmine, para que o aluno estudasse sem o auxílio do professor. Mas o primeiro livro ilustrado foi lançado por Comenius em 1658, um livro de vocabulário ilustrado para crianças chamado *Orbis Pictus*, considerado um modelo de livro didático para os séculos XVIII e XIX (PAIVA, 2007, p. 2).

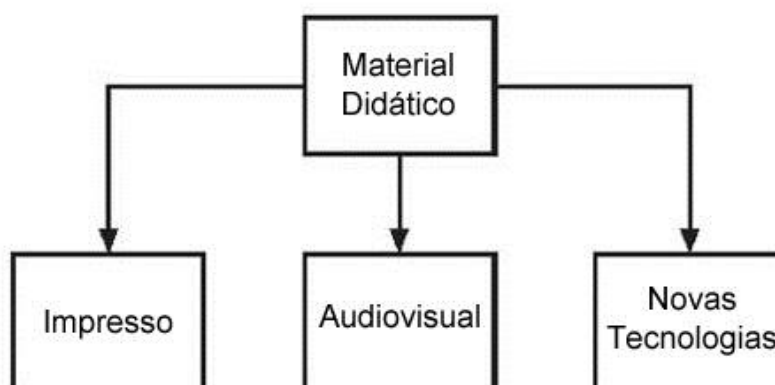
As diversas disciplinas do curso de Artes Gráficas necessitam de recursos próprios para que as aulas sejam executadas e que se possam atingir os objetivos pré-definidos. Para saber sobre o material didático utilizado no curso de Artes Gráficas, foi aplicado um questionário a alguns professores deste curso na EICM. O

questionário usado foi baseado num outro elaborado por Leonardo José Sousa Lima, no seu trabalho de conclusão de curso de Artes Plásticas pela Universidade de Brasília. Duas professoras participaram do questionário. A Profa. Sara Azevedo ministra a disciplina de Informática Aplicada e a Profa. Fernanda Jardim que ministra a disciplina de História da Arte. Segundo elas, o livro didático faz parte dos materiais que são disponibilizados, existindo dentro da escola uma biblioteca geral e outra pequena, específica para as artes, mas com poucos livros.

Assim como afirmam a psicóloga Neli Klix Freitas e Melissa Haag Rodrigues, mestre em Artes Visuais, no artigo “O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo”, em muitos casos o livro didático é o único instrumento de trabalho em sala de aula e o único meio de contato com o conteúdo por parte dos alunos (2007-2008). Até a segunda metade do séc. XIX, o livro era centrado no professor, pois era tido como um manual de passo a passo para este se apoiar e desenvolver as atividades, orientando os alunos. Mas hoje, o aluno é considerado a figura principal no processo de aprendizagem, fazendo com que os livros didáticos sejam elaborados de acordo com as faixas etárias dos alunos, com linguagens e objetivos correspondentes e específicos. Antigamente, a escolha e uso de livro didático estava condicionado à disponibilidade de exemplares disponíveis, enquanto hoje a escolha está baseada em regras e leis que o relacionam com o cotidiano do aluno. A Profa. Sara Azevedo argumenta que o material didático também deve ser adaptado ao contexto físico do local de aplicação para ser passível de realização das atividades propostas (Anexo C).

Hoje, as novas tecnologias ampliam a possibilidade de suportes para o material didático, pois na época em que surgiram os primeiros materiais didáticos (gramáticas e livros de apoio ao aluno), estes não foram bem recebidos por todos. Alguns professores dispensavam o auxílio deste na sala de aula. Hoje, pelo contrário, o material didático adequado aos objetivos da disciplina já tem maior aceitação pelo professor e também é acessado pelo aluno, pois a ideia atual é que o livro didático seja um intermediário e facilitador no processo de aprendizagem em que todos interagem com ele.

Bandeira apresenta a seguinte divisão de materiais didáticos (2009, p. 14):



Quadro 2 - Divisão de material didático segundo os suportes. Disponível em <http://arquivos.unama.br/nead/temporario/materiais-didaticos.pdf>. Acesso em 25/10/2013.

Dos suportes impressos, fazem parte materiais didáticos como guias do aluno e do professor, mapas, livros, pranchas ilustrativas entre outros, enquanto que dos audiovisuais (imagem e som) compõem vídeos, documentários, músicas, imagens, etc. Com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) como os computadores, celulares e o uso da internet, surgem novas formas de interação com as informações, novas formas de armazenamento e distribuição. O professor tem a possibilidade de acessar virtualmente diversos acervos de bibliotecas, museus, escolas e universidades de diversos lugares do mundo. Mas, mesmo com tantas possibilidades que existem, o material impresso ainda predomina muito em relação aos outros materiais, com ênfase no livro didático impresso. Bandeira apresenta como hipóteses para essa perduração, o fato do material impresso poder ser utilizado em qualquer etapa ou modalidade da educação e ainda por não demandar o recurso a um equipamento tecnológico para utilizá-lo (2009, p. 16).

No campo das artes, existem atualmente vários livros que falam sobre artistas, técnicas artísticas e, como afirma Mauren Teuber, Professora na Faculdade de Artes do Paraná e Mestre em Educação, há uma crescente produção de materiais educativos que são disponibilizados por museus, instituições públicas e privadas, centros culturais, entre outros (2009).

Em Cabo Verde, praticamente não existem museus e nem produção de materiais educativos nas instituições escolares. Os livros disponibilizados nas

bibliotecas da EICM estão defasados ou são poucos exemplares disponíveis para consulta. A Profa. Fernanda Jardim diz que devido ao uso de novas tecnologias, “os livros/manuais ficam relegados para um segundo plano, pois os alunos deixam de estudar neles, ou seja, mostram certa preguiça” (Anexo B). Quando questionada sobre quais seriam os materiais didáticos ideais, ela responde que seriam cópias ou exemplares de algumas obras de arte para maior interação do aluno, enquanto que, sobre museus, ela alega que seria bom se existissem mais museus em Cabo Verde para visitas de estudo. Jardim também afirma que outros recursos como computadores e projetores estão em número insuficiente para a quantidade de professores e acrescento, para a quantidade de alunos, já que em algumas aulas práticas eles se fazem imprescindíveis (Ibid). Apesar da ausência de recursos materiais e de museus, hoje em dia, com o uso de internet, como já havia mencionado, é possível fazer visitas virtuais a grandes museus espalhados pelo mundo, consultar acervos e obras de vários artistas e livros no formato digital. Esse tipo de recurso poderia ser utilizado, por exemplo, nas aulas de História da Arte.

De acordo com a Professora da Universidade Federal de Pernambuco, Suzana Ferreira Paulino “o surgimento e o aperfeiçoamento das tecnologias eletrônicas impuseram uma profunda modificação na apresentação ou forma de uma série de coisas tradicionalmente palpáveis ou materiais”. (...) “visualizamos uma nova forma de apresentação do livro e interação com o leitor.” (2009). Com as novas tecnologias surge outra forma de relação entre o leitor e o livro, com maior acessibilidade e maior rapidez no acesso. Com a disponibilidade de um computador com acesso a internet, o professor tem várias possibilidades com o uso de materiais didáticos em formato digital. Muitos materiais didáticos digitais contêm vários links como vídeos, músicas e imagens relacionados com assuntos ou temas que se esteja tratando. Este tipo de recurso quando bem utilizado pelo professor, desperta mais atenção no aluno e dá espaço para uma dinâmica muito mais rica, estimulante e espontânea.

Já a falta de recursos, a inadequação ou o mau uso dos materiais didáticos pode tornar uma aula de artes desinteressante. Como constatado na minha experiência em <sup>4</sup>Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 1, não há muitos

---

<sup>4</sup> ESAP, disciplina realizada na Universidade de Brasília, Brasil, como parte integrante do curso de licenciatura em Artes Plásticas. O estágio foi realizado na escola Centro Educacional Asa Norte.

recursos materiais disponibilizados pela escola, existindo às vezes situações em que os próprios professores compravam materiais para as aulas. Essa situação não difere muito em relação ao material didático nas Artes Gráficas na EICM, uma vez que professores também compram materiais para que possam dar aulas e os alunos não serem prejudicados.

De acordo com a experiência de organização de aulas em formato de oficinas, trazida nos estágios supervisionados 2 e 3 (ESAP 2 e 3), a questão do material didático se mostrou melhor resolvida que no ESAP 1. Nos estágios 2 e 3, devido às greves e a paralização das aulas, tiveram que ser feitas de forma diferente, através de oficinas. No ESAP 2, a oficina foi feita com servidores terceirizados do Instituto de Artes na Universidade de Brasília, no horário do almoço. A pesquisa desenvolvida por uma colega era sobre a alfabetização de jovens e adultos por meio da arte. Já no ESAP 3 a oficina foi ministrada numa escola, mas durante as férias escolares e os participantes tinham idades variadas. Ambas as oficinas foram ministradas em grupos. Com a organização das aulas em oficinas, a lista de materiais que se iria precisar já estaria pré-determinada e adquirida antes de começarem as aulas, diminuindo as chances de faltar algo e ter-se que improvisar como alguns professores já relataram.

A escolha dos materiais didáticos e dos recursos também deve ser feita de acordo com o espaço físico em que se vai utilizá-los, por exemplo, no caso de espaços fechados, deve-se ter em conta se os produtos que vão ser utilizados são tóxicos. O problema de inadequação não é só dos recursos materiais ao espaço físico em que se vai utilizá-los, mas também dos livros didáticos em relação à situação cultural, social e econômica. A Profa. Azevedo diz que se habituou a produzir os próprios materiais como “documentos impressos e digitais, fichas e materiais gráficos” a partir de materiais importados, exatamente por esses materiais disponibilizados não se encaixarem na realidade do ensino de Cabo Verde. Para ela, o problema do material didático não seria resolvido apenas com o aumento da quantidade, mas também com a produção de materiais em Cabo Verde e para Cabo Verde e que fossem adaptados ao próprio contexto, condições, vivências e dificuldades (Anexo C).

De uma forma geral os problemas referentes aos materiais didáticos no curso de Artes Gráficas na EICM vão desde a pouca quantidade e variedade até a sua incompatibilidade com o contexto social dos alunos, já que são livros importados. Ainda há necessidade de que esses materiais e os recursos da escola se adequem ao espaço físico onde vão ser utilizados. Poderia haver incentivo para que os próprios professores fizessem os materiais didáticos das suas disciplinas, orientados para novas possibilidades e olhares sobre o que é material didático, como pode ser organizado e o que pode ser utilizado para sua manufatura.

### III PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO

Refletindo sobre os problemas apresentados sobre o material didático no curso de Artes Gráficas na EICM, proponho neste capítulo, um material didático que poderá servir de exemplo para a produção de outros. A elaboração deste material foi baseada na proposta de Projeto de Trabalho (HERNÁNDEZ & VENTURA, 1998). Também se utilizará como base para esse material as propostas das ilustradoras Marion Deuchars e Keri Smith (2011), organizadas em seus livros.

A ideia de Projeto de Trabalho (HERNÁNDEZ & VENTURA, 1998) surgiu a partir da reflexão sobre a globalização e se esta estava sendo praticada pelos docentes da Escola Pompeu Fabra que se situa na Espanha. A globalização nos Projetos de Trabalho é entendida como “um processo muito mais interno do que externo”, fazendo com que os conteúdos e as áreas do conhecimento sejam tomados pela necessidade que apresentam e pelas soluções que trazem por detrás da aprendizagem (HERNÁNDEZ & VENTURA, 1998, p. 63).

Nos Projetos de Trabalho incentiva-se a busca do eixo do problema, que se considera estar ligado a várias informações diferentes. Segundo Hernández e Ventura, o Projeto de trabalho tem a função de criar novas formas de organizar os conhecimentos escolares tanto em relação ao tratamento da informação quanto aos conteúdos variados que junto com os problemas e as hipóteses, possam facilitar ao aluno a construção do conhecimento a partir do conhecimento próprio (Ibid, pg. 61). As informações são tratadas de forma diferente, e não

compreendidas de forma rígida nem com a função de homogeneizar os alunos já que cada um traz suas experiências e conhecimentos.

Num Projeto de trabalho, tanto o docente quanto os alunos são pessoas ativas e trabalham um com o outro, e partilham experiências também dentro do grupo com a mesma função (professor-professor e aluno-aluno) Cada um tem um papel no processo de elaboração do Projeto de Trabalho e se tornam essenciais à participação do outro promovendo um ensino construtivo, de diálogo e de reflexão. (...) “os Projetos geram um alto grau de autoconsciência e de significatividade nos alunos com respeito á sua própria aprendizagem.” (Ibid, p. 72). Isso porque o próprio aluno tem liberdade de sugerir temas, atividades, vídeos e filmes, convidar alguém que esteja relacionado com o tema para uma palestra e argumentar sobre a importância que estes têm para eles. Com essa liberdade que se desenvolve no processo de aprendizagem, Hernández e Ventura afirmam que os alunos

(...) ”descobrem que eles também têm uma responsabilidade na sua própria aprendizagem, que não podem esperar passivamente que o professor tenha todas as respostas e lhes ofereça todas as soluções, especialmente porque, como já foi dito, o educador é um facilitador e, com frequência, um estudante a mais.” (pg. 75).

Assim, os professores e os alunos têm funções definidas na elaboração do Projeto e durante a sua execução. Os dois quadros que se seguem são apresentados como um resumo das atividades do docente e dos alunos num Projeto de trabalho:



|  |   |   |
|--|---|---|
| 1. Especificar o fio condutor              | → | Relacionado com o PCC (Parâmetros Curriculares)   |
| 2. Buscar materiais                        | → | Especificação primeira de objetivos e conteúdos (o que se pode aprender no Projeto?)        |
| 3. Estudar e preparar o tema               | → | Seleciona a informação com critérios de novidade e de planejamento de problemas             |
| 4. Envolver componentes do grupo           | → | Reforça a consciência de aprender   |
| 5. Destacar o sentido funcional do Projeto | → | Destaca a atualidade do tema para o grupo   |
| 6. Manter uma atitude de avaliação         | → | O que sabem, que dúvidas surgem, o que acredita que os alunos aprenderam                    |
| 7. Recapitular o processo seguido          | → | Ordena-se em forma de programação, para contrastá-lo e planejar novas propostas educativas. |

*A atividade do docente durante o desenvolvimento do Projeto*

Quadro 3 - A atividade do docente durante o desenvolvimento do Projeto, Fonte: HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto alegre: Artes Médicas, 1998

|   |   |   |
|---|---|---|
| 1. Escolha do tema                      | → | Aborda critérios e argumentos                             |
| 2. Planeja o desenvolvimento do tema    | → | Elabora um índice individual                              |
| 3. Participa na busca de informação     | → | Colabora no roteiro inicial da classe                     |
|   |   | Contato com diferentes fontes                             |
|   |   | A informação:   |
| 4. Realiza o tratamento da informação   | → | Interpreta a realidade                                    |
|   | → | Ordena-a e apresenta-a                                    |
|   | → | Propõe novas perguntas                                    |
| 5. Analisa os capítulos do índice       | → | Individual ou em grupo                                    |
| 6. Realiza um <i>dossiê</i> de sínteses | → | Realiza o índice final de ordenação                       |
|   | → | Incorpora novos capítulos                                 |
|   | → | Considera-o como um objeto visual                         |
| 7. Realiza a avaliação                  | → | Aplicando, em situações simuladas, os conteúdos estudados |
| 8. Novas perspectivas                   | → | Propõe novas perguntas para outros temas                  |

*A atividade dos alunos durante a realização do Projeto*

Quadro 4 - A atividade dos alunos durante a realização do Projeto. In HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.

A escolha do tema é um dos primeiros pontos a ser resolvido, pois também vai orientar as atividades e os recursos que vão ser usados. Mas antes de qualquer coisa, o professor já deve ter previamente planejado alguns objetivos e conteúdos.

A escolha do tema não surge do nada ou simplesmente porque se gosta de algo. Baseia-se normalmente em experiências vividas, em atividades ou projetos que começaram no passado ou baseia-se em algum fato atual que desperte interesse e necessidade de ser mais trabalhado. Quando o aluno pode escolher o tema que quer trabalhar, traz entusiasmo, motivação e predisposição para participar de todo o processo do projeto. Isso acontece porque o que ele estará trabalhando no projeto dentro da escola estará sempre dialogando com ele nos programas de televisão, na internet, revistas, no celular, no rádio e nas imagens que ele tem contato no dia-a-dia.

A riqueza de diálogos, de troca de experiências e conhecimentos pode proporcionar um ensino mais dinâmico interessante e prazeroso e com resultados muito extraordinários.

Como falado no início, também foram usadas referências como a Keri Smith e a Marion Deuchars. Marion Deuchars é uma ilustradora britânica, fez a sua graduação em comunicação, arte e design pela Royal College of Art, escola também onde obteve mestrado com distinção. Ela já fez trabalhos de ilustração para jornais, livros e selos de correio . Entre vários prêmios ganhos, tem dois pela Art Directors Club. Vários dos livros que Deuchars lançou são de referência artística e contêm atividades interativas, como por exemplo, os livros *Let's make some great art* e *Let's make some great fingerprint art* com as versões em português “Vamos fazer um monte de arte” e “Vamos fazer um monte de arte com dedos” respectivamente.

O livro “Vamos fazer um monte de arte” apresenta propostas de atividades muito interessantes.

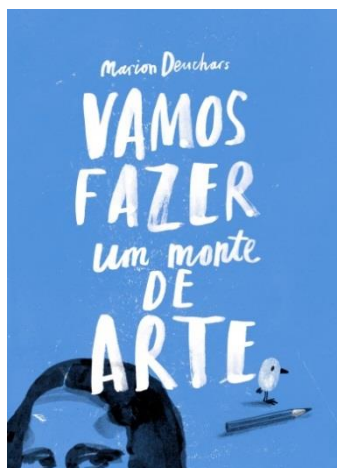


Figura 1 - Capa do livro "Vamos fazer um monte de arte" Fonte: DEUCHARS, Marion. Vamos fazer um monte de arte. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2011.

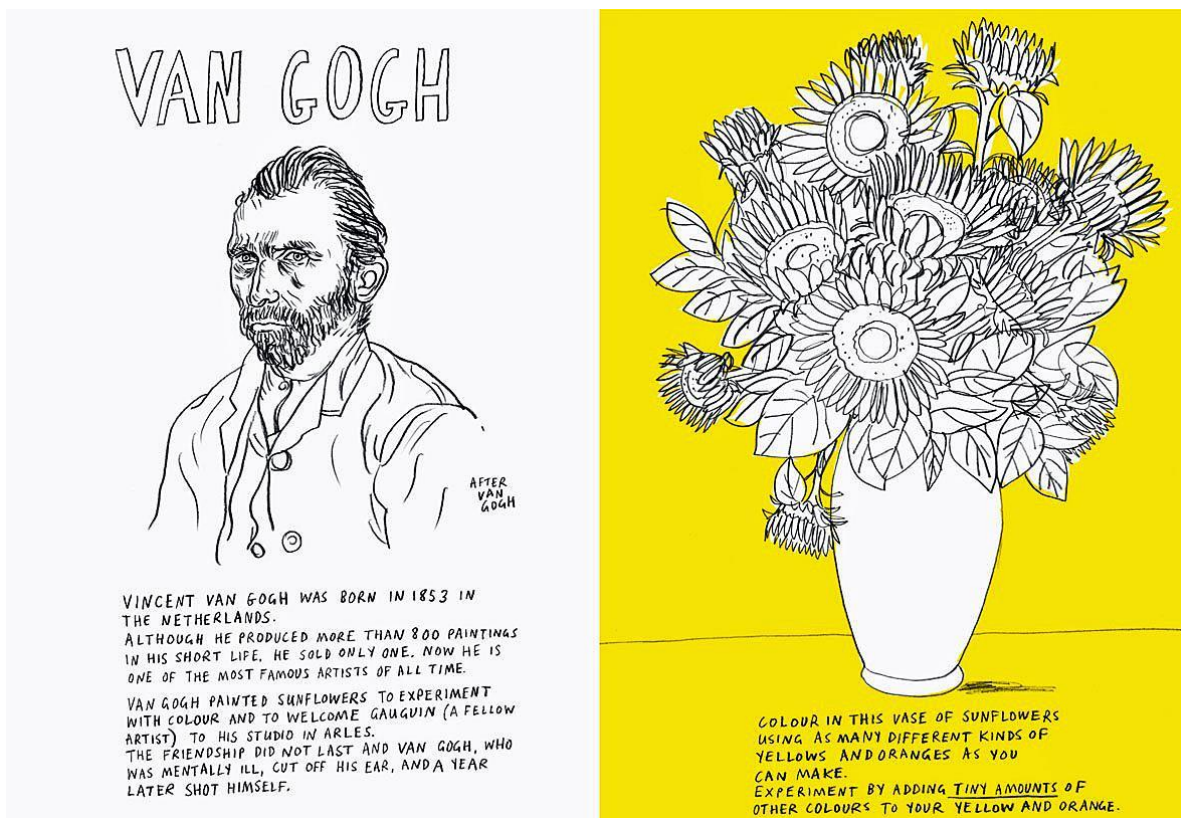


Figura 2 - Página do livro "Let's make some great art" Disponível em [www.amazon.co.uk/s/ref=nb\\_sb\\_ss\\_i\\_0\\_9?url=search-alias%3Dstripbooks&field-keywords=marion+deuchars&prefix=marion+de%2Cstripbooks%2C661&rh=n%3A266239%2Ck%3Amarion+deuchars](http://www.amazon.co.uk/s/ref=nb_sb_ss_i_0_9?url=search-alias%3Dstripbooks&field-keywords=marion+deuchars&prefix=marion+de%2Cstripbooks%2C661&rh=n%3A266239%2Ck%3Amarion+deuchars) acesso em 9/12/2013

Destinado a “artistas” a partir dos 8 anos de idade, Deuchars começa o livro propondo uma lista de materiais artísticos que o artista pode usar para realizar as atividades e ainda sugere outras finalidades. Ela apresenta algumas cores e o porquê dos seus nomes, sugere atividades que trabalham técnicas de desenho e pintura, de reprodução, de ritmo e de composição que fazem estimular a imaginação e criação. Ela também apresenta de forma breve, alguns artistas como o *Picasso, Bridget Riley, Paul Klee e Van Gogh*, e as atividades relacionadas a cada um destes ajudam a entender a técnica do artista e a estimular resultados parecidos.

Baseio a proposta do material didático nas ilustrações deste livro, pois contém uma linguagem simples e objetiva. O leitor, que não só lê, interpreta e intervém no próprio livro, está sempre instigado a criar e a realizar as atividades de acordo com sua imaginação e criatividade.

Keri Smith, assim como a Deuchars, é ilustradora e tem vários livros publicados. São exemplos destes livros, *Wreck this journal, This is not a book, Guerilla art kit*, sendo que alguns deles foram traduzidos para o português. O livro *Guerilla Art Kit* apresenta uma proposta bem ativa para o leitor. Inicialmente são apresentados materiais necessários para o desenvolvimento das atividades propostas. As técnicas e atividades são todas desenvolvidas tendo um tema principal, as Guerrilhas, uma prática em que as pessoas compartilham a visão que têm sobre algo através de intervenções. Declarações e mensagens são deixadas através de produções artísticas em que se utilizam técnicas voltadas para a pintura, impressão, estampas e carimbos. Smith propõe algumas atividades de guerrilha nas quais são usadas essas técnicas. Algumas das atividades propostas sugerem que se corte páginas do livro ou que as use como moldes a formar objetos. Smith também apresenta um glossário onde descreve expressões e nomes de movimentos ligados à guerrilha, usadas ao longo das atividades. Apresenta no final, sugestões de sites para que o leitor possa conhecer mais sobre o tema do livro.

O que se aproveita para a proposta do livro didático, no caso da ilustradora Keri Smith é: o ensino de técnicas e materiais, a sugestão de atividades para fazer em ambientes fora da sala de aula e ainda as sugestões de sites que complementam o conhecimento sobre o tema que se está tratando.

### ***3.1 Disciplina escolhida para o material didático***

O material didático que se propõe será elaborado para a disciplina de Práticas Oficiais, pois abrange o ensino de técnicas, possibilita maior flexibilidade para propor tema e associar várias atividades. A disciplina possui uma carga horária de 10 horas semanais o que possibilita mais tempo para trabalhar mais profundamente e de forma variada, temas e técnicas. Segundo um documento da escola que norteia o curso de Artes Gráficas, os objetivos da disciplina são:

- Desenvolver a manipulação sensível e técnica dos materiais, instrumentos e equipamentos;
- Integrar o aluno na área das Artes Gráficas;
- Identificar os processos de gravura em relevo, serigrafia e litografia;
- Desenvolver aptidões na preparação e execução da impressão em qualquer das técnicas;
- Desenvolver métodos de trabalho;
- Desenvolver métodos de higiene e segurança no trabalho;
- Desenvolver métodos de rigor profissional;
- Relacionar as distintas fases e métodos de preparação de uma matriz;
- Selecionar, classificar e manipular convenientemente os originais;
- Dominar a utilização de técnicas de produção e processamento fotográfico para a aplicação em projetos e produção gráfica;
- Conhecer os princípios da fotomecânica;

- Dominar a utilização de técnicas de impressão nomeadamente, serigrafia e offset.

Dentre as várias técnicas que se pode ensinar nesta disciplina, foi escolhida a Serigrafia. A partir dessa técnica é possível propor atividades como o ensino de várias técnicas, visitas de estudo e vídeos. A execução dessas técnicas será sugerida dentro de propostas artísticas, como por exemplo, fazer um quadro utilizando as técnicas de serigrafia.

### **3.2 Escolha do tema**

Em relação ao tema, ao se considerar a proposta dos Projetos de Trabalho de Hernández, deve ser discutido e decidido com a participação dos alunos para que faça sentido para eles. Neste caso, vou propor um tema como exemplo, pensando na identidade cultural do aluno cabo-verdiano. O tema do material didático será “Vendedeiras de rua”. Vendedeiras de rua são diferentes de vendedoras, pois, as vendedeiras são ambulantes, não possuem um lugar próprio para comercializarem os seus produtos. Já as vendedoras possuem, por exemplo, uma loja. Escolhi este tema, pois as vendedeiras ambulantes estão muito presentes no dia-a-dia dos alunos, por exemplo, nas portas das escolas e nas praças. A partir deste tema propõe-se ao aluno que faça entrevistas, pesquisa, entre outras atividades que os ajudem a aumentar seu conhecimento sobre o tema.

O material didático é elaborado em formato digital, mas poderá ser impresso caso o aluno ou professor assim desejarem, pois nem sempre tem um dispositivo de exibição e projeção disponíveis. Em relação ao conteúdo, este está apresentado com base no livro de Deuchars, através de breves textos, aos quais estão adicionados links que complementam o conteúdo, e ainda propõe atividades para que o aluno escreva um texto com outras informações que completem o dado. Com todas essas ideias será organizado um material didático de tema “Vendedeiras de

rua”, onde será trabalhado técnicas de serigrafia. Com a ideia de organização por Projeto de Trabalho o aluno está sempre a par do processo, pois, participa dele e consegue trazer exatamente o que lhe instiga, com proposta de temas e atividades. O professor por sua vez, com os objetivos e conteúdos pré-definidos organiza as ideias junto com os alunos e os avalia. O processo de aprendizagem no seu todo é construtivo e colaborativo.

## CONCLUSÃO

A preocupação com o material didático foi algo que me despertou quando fazia o Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 1, e perdurou pelos outros estágios. Essa falta de material que eu via acontecer me remeteu aos meus estudos no ensino técnico, às situações de improviso e à dificuldade em obter recursos e materiais didáticos, tanto por parte da escola quanto dos professores e alunos. Sempre vi o material didático como essencial, já que a maior parte das disciplinas (Matemática, Português, Inglês, Biologia, etc) tem o seu material e está sempre presente na atuação do professor e para quando o aluno precisar estudar.

Em Cabo Verde, com o processo colonialista que perdurou muito tempo, o sistema de ensino ficou muito atrelado ao sistema português, e assim também os materiais didáticos, o que não coincidia com a realidade cabo-verdiana. Esse foi um dos problemas trazidos pelos professores no questionário e, por isso, o material didático proposto acaba por trazer atividades com as quais, o aluno se identifica. Com aspectos culturais, da vida cotidiana no processo de ensino, o aluno acaba por se sentir mais apto para desenvolver essas atividades.

A escolha de organização por Projeto de Trabalho dá ao aluno a possibilidade de participar de forma colaborativa no seu processo de aprendizagem, possibilitando a troca entre alunos e professores. Com essa troca, o professor tem mais chance de acertar num tema e em atividades que tragam resultados mais satisfatórios para si e para o aluno.

O material didático proposto é apenas um exemplo do que acredito poder ser um bom material didático para a disciplina de Práticas Oficiais no curso de Artes Gráficas em Cabo Verde. Para ser completo, teria que contemplar todos os objetivos e conteúdos da disciplina, o que seria possível com mais tempo de trabalho e pesquisa aprofundada. Uma possibilidade de desenvolver este trabalho



acarretaria na inserção de outros objetivos e conteúdos na disciplina ou a criação de uma nova. Seria a pesquisa para o ensino de técnicas tradicionais (cabo-verdianas) de escultura, pintura, tapeçaria, tecelagem, olaria e cestaria para fins artísticos. A proposta do ensino dessas técnicas no ensino técnico, também se deve ao fato deste tipo de ensino já preparar o aluno para um ofício. Algumas técnicas ensinadas nas Práticas Oficiais não são possíveis de serem praticadas de uma forma individual, pois precisa de maquinário e ferramentas muito caras ou indisponíveis no mercado de Cabo Verde.

Se esta pesquisa fosse avante, aumentaria a valorização para a área das Artes Plásticas em Cabo Verde e talvez até o investimento. Ainda agregaria grande valor para a cultura e para o turismo já que muitos produtos como esculturas e pinturas são vendidos por outros africanos se passando por cabo-verdianos.

O material didático para o ensino das Artes Gráficas ainda tem muito que ser estudado, elaborado, experimentado e trabalhado. Mas para o resultado ser verdadeiramente satisfatório, muitos teriam de ser os envolvidos neste processo. Acredito que esta seja uma contribuição para a melhoria do material didático, um pontapé para outras grandes resoluções no ensino em Cabo Verde.

## ANEXOS

### ANEXO A – Material didático proposto



Material  
Didático

# Folha 1



Vendedeira que apregoas  
Entre muitas coisas boas  
Uma vida de cansaço  
Rua abaixo, rua acima  
Ligeireza de menina  
Com vaidade no teu passo

Hoje fruta, amanhã flores  
Ao sabor dos teus amores  
Tua voz tu vais moldar  
Ora triste, ora contente  
Se a falar ficas diferente  
Não te negas a mostrar



**Aldina Duarte**

É muito comum vermos vendedeiras nas ruas de Cabo Verde, por isso, falaremos sobre elas. Elas estão sempre perto de mercados, de praças ou pelas avenidas entoando o que trazem, ou simplesmente sentada na calçada.

**Oli cavala  
freeeeeeesc!!!**



## Vamos compartilhar

**Você costuma comprar produtos de vendedeiras?**

**O que você sabe sobre as vendedeiras?**

**Quem elas são?**

**Quais as suas origens?**

**O que elas vendem?**

**Quais as dificuldades delas?**

**Que papel desempenham no seio familiar?**

# Folha 2

**Para falar sobre uma profissão, nada melhor que perguntar a quem a exerce. É sempre bom tentarmos obter uma informação de forma mais verídica possível.**

## Atividades



- Elabore um questionário para vendedeiras, com perguntas que você gostaria de saber as respostas. Saia pelas ruas da sua cidade, escolha uma vendedeira e faça uma entrevista e registre-a.
- Aproveite para perguntar sobre as questões colocadas na Folha 1. As ideias que tinhas sobre as questões colocadas estavam certas?
- Faça um desenho da vendedeira que entrevistaste numa folha A4.
- Produza um texto reflexivo sobre a profissão de vendedeira.



## Está sem material para fazer o desenho?



Pegue uns ramos finos e secos e em seguida descasque-os com estilete (x-ato). Pegue uma lata e fure-a nas laterais com pregos e faça uma alça de arame para facilitar no manuseio. Arrume os ramos juntos e verticalmente dentro da lata e tampe-a. Coloque-a no fogão, em fogo baixo. A carbonização acontecerá quando terminar a fumaça, e quando iniciar de novo, retire a lata do fogo segurando pela alça, com a ajuda de um pano húmido. Está pronto o teu **carvão vegetal**.

# Folha 3

Muitas vezes, algumas pessoas não compram produtos das vendedeiras por duvidar da higiene destes. Para ajudá-las então, vamos fazer **embalagens** para embalar e vender os produtos.

## Embalagem



O uso de embalagens é muito antigo, desde quando os homens começaram se afixando e trocando produtos entre si. Então, a função da embalagem vai desde proteger o produto de riscos, facilitar o transporte, e hoje, promover o produto que está embalado.

Para aprofundar um pouco sobre embalagens e ver algumas curiosidades, vamos ver os seguintes links:



[www.slideshare.net/barao/evolucao-da-embalagem](http://www.slideshare.net/barao/evolucao-da-embalagem)

<http://www.abre.org.br/setor/apresentacao-do-setor/a-embalagem/tipos-de-embalagens/>



<http://www.megacurioso.com.br/publicidade-e-marketing/40031-conheca-algumas-das-embalagens-mais-inteligentes-do-mundo.htm>

## Atividades

- Escolha um produto vendido por uma vendedeira.
- A partir das informações que tivestes dos links, faça alguns estudos de embalagens, faça também alguns experimentos em papéis diferentes. Corte, cole e experimente.
- Escolha e produza a embalagem que você quer para o produto escolhido e compartilhe com os colegas.

# Folha 4

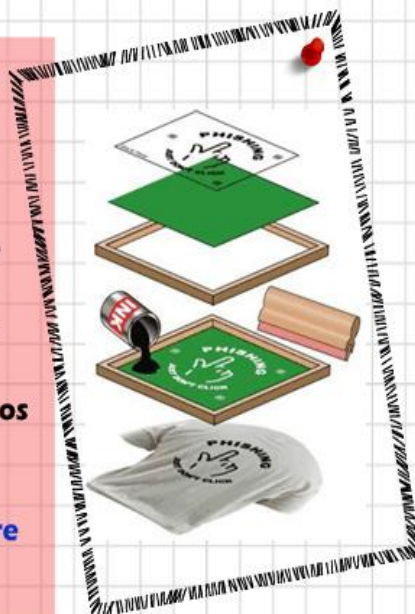
Depois de escolher o design da embalagem, é importante pensar nas imagens e palavras que farão parte da embalagem. Para imprimir esses elementos vamos utilizar a técnica de **Serigrafia**.

## Serigrafia

A Serigrafia ou silk-screen é um processo de reprodução de imagens através da transferência de uma imagem que se dá pela tinta que é comprimida ao longo do tecido por uma régua de borracha, para uma superfície. O tipo de superfície que vai ser impresso faz variar os tipos de tecidos que serão utilizados na matriz e também o tipo de tinta.

Leia o seguinte documento para saber mais sobre os materiais e ferramentas utilizados na Serigrafia.

[www.slideshare.net/projetoasas/apostila-para-aprendizado-de-tcnicas-de-serigrafia](http://www.slideshare.net/projetoasas/apostila-para-aprendizado-de-tcnicas-de-serigrafia)



## Atividades

- Faça uma visita de estudo a uma empresa serigráfica e acompanhe os processos de impressão. Escreva as dúvidas que tiveres.
- Escreva um texto descrevendo como se efetua o processo serigráfico passo a passo.
- Elabora a imagem que queres que seja impressa na embalagem. Com os conhecimentos sobre o processo, elabore sua matriz e faça experimentos. Não se esqueça de começar em papés mais comuns, antes das embalagens.

# Folha 5

**Sabias que a técnica de Serigrafia também é usada para fazer arte?!**



A obra acima é do artista **Silvano Oppenheim**. Ele nasceu em São Paulo, Brasil, e é filho de pais alemães. Ele se formou em Arquitetura mas sempre estudou técnicas de pintura e desenho e ainda experimentou processos de impressão.



## Atividades

- Pesquise alguns artistas que também usam a técnica de serigrafia para fazerem seus trabalhos.
- Escolha um e apresente-o mostrando alguns trabalhos dele. Apresente também a(s) técnica(s) que ele usou.
- Faça o seu quadro agora! Aproveite as técnicas e ideias que conheceu e faça o teu quadro. O suporte a ser impresso deve ser o tecido.

## **ANEXO B – Questionário aplicado à Prof.<sup>a</sup> Fernanda Jardim, 1 de Outubro de 2013**

- 1. Qual é a sua formação? Lugar (País/cidade/universidade) de formação? Qual ano?**  
Licenciatura em História- Ramo do Ensino -Cabo Verde- S.Vicente Universidade do Mindelo (2006) e Mestrado em Supervisão Pedagógica- Universidade da Beira do Interior-Covilhã- PT (2010)
- 2. Conte sobre sua experiência em sala de aula (escolas, anos).**  
25 anos de carreira tem sido muito gratificante.
- 3. A escola oferece material didático? Quais?**  
Livros, Projetor e computador.
- 4. Usa materiais didáticos pessoais? Se sim, quais? Por quê?**  
Livros e computador portátil por opção e por ser mais pessoal.
- 5. Gostaria de ter (mais) material didático? Por quê?**  
Sim, pois o que temos na escola é insuficiente para o nº de professores.
- 6. Poderias citar pontos positivos e negativos dos materiais didáticos usados atualmente?**  
Dado às novas tecnologias sou de opinião que o projetor por exemplo é de extrema importância e uma mais valia não só para o professor como para os alunos. Negativo é que os livros/manuais ficam relegados para um segundo plano, pois os alunos deixam de estudar neles, ou seja, mostram certa preguiça.
- 7. Na tua opinião, como seria o material didático ideal?**  
Ter alguns exemplares (cópias) de algumas obras, para que os alunos pudessem manuseá-los, ou seja, ter um contato mais de perto; ter museus em CaboVerde para visitas de estudo.
- 8. Como se dá na prática, a relação qualitativa e quantitativa da teoria e da prática das artes no ensino Secundário?**  
Não obstante às limitações, de um modo geral tem sido satisfatório.
- 9. Existe alguma flexibilidade ou liberdade para a escolha de materiais didáticos na escola?**  
Sim, cada professor é livre para fazer a escolha que bem entender.



## **ANEXO C – Questionário aplicado à Profa. Sara Azevedo, 6 de Novembro de 2013**

### **1. Qual é a sua formação? Lugar (País/cidade/universidade) de formação? Qual ano?**

Iniciei o curso de Design Industrial em 2000 na Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura em Portugal. Este foi interrompido três anos mais tarde, por questões familiares. Atualmente por intermédio de uma equivalência, no processo de conclusão da minha Licenciatura em Design no M\_eia a única instituição superior de arte de Cabo Verde que fica na Ilha de S. Vicente – Mindelo a capital da cultura do país.

### **2. Conte sobre sua experiência em sala de aula (escolas, anos).**

O primeiro contato com a docência aconteceu em 1999 antes da minha experiência de estudos em Portugal. EVT – Educação Visual e Tecnológica era a disciplina que leccionava a 5 turmas do 7º Ano de escolaridades ou seja crianças dos 11 aos 14 anos – na Escola Técnica da Praia ilha de S. Tiago. Interrompi essa experiência para ir estudar e quando volto incorporo o grupo de professores da Área de Artes Gráficas da Escola Industrial e Comercial do Mindelo onde permaneço à 9 anos a leccionar Desenho, Práticas Oficiais, e Informática Aplicada às Artes Gráficas a alunos do 11º e 12º anos – 16 a 20 anos. Entretanto voltei a ter experiências com turmas de EVT e várias oportunidades de cursos profissionalizantes.

### **3. A escola oferece material didático? Quais?**

Costumo dizer que nós vivemos num dos países mais pobres de África, trabalhamos numa Escola Técnica que é uma instituição muito difícil de gerir e para complicar na área de arte que mundialmente é uma área muito fustigada. No dia-a-dia de trabalho nos deparamos com muitos constrangimentos a todos os níveis, nomeadamente de estruturas, equipamentos, consumíveis e os materiais didáticos também não fogem à regra. Para além da desatualização existe também um grande desfasamento com o nosso contexto sendo que a maioria do material didático têm de ser reinventado de forma a se adaptarem melhor às nossas condições humanas, estruturais e de matéria-prima.

O pouco investimento trouxe as novas tecnologias de informações, que acaba por ser o material didático da minha geração o mais utilizado mas nem sempre bem aproveitado e aplicado. Para além dos equipamentos informáticos, a escola oferece-nos livros e pouco mais.

### **4. Usa materiais didáticos pessoais? Se sim, quais? Por quê?**

Normalmente habituei-me a produzir o meu material precisamente porque acredito que os materiais (importados na sua maioria), precisa muitas das vezes de ajustes tanto no que diz respeito ao nosso nível de ensino como no

que diz respeito a uma maior adaptação ao nosso contexto físico sobretudo. Produzo documentos - digitais e impresso, fichas, projetos, e muito material gráfico desde esboços, a maquetes e exemplares.

**5. Gostaria de ter (mais) material didático? Por quê?**

Não sei se gostaria de ter mais material didático, sei que gostaria de ver produzidos em Cabo Verde e para Cabo Verde materiais adaptados ao nosso contexto às nossas vivências às nossas condições, às nossas dificuldades.

**6. Poderias citar pontos positivos e negativos dos materiais didáticos usados atualmente?**

O principal ponto está ligado a esta questão de uma maior contextualização dos nossos materiais – o que já se começa a ter no ensino primário. O ponto positivo é precisamente o ganho que se tem em se estar constantemente a estudar outros contextos e a readaptá-los, reinventá-los e recriá-los ou seja constantemente a criar novos materiais didáticos. Contudo penso que atualmente este seja uma permissão global visto que as mudanças políticas, sociais, culturais e económicas, são uma constante.

**7. Na tua opinião, como seria o material didático ideal?**

Mais adaptado ao contexto social, cultural, económico, mais dinâmico apelativo e interativo.

**8. Como se dá na prática, a relação qualitativa e quantitativa da teoria e da prática das artes no ensino Secundário?**

No caso específico das Artes Gráficas temos conseguido manter uma boa e frequente relação entre a teoria e as práticas, apesar das grandes dificuldades que encontramos no dia-a-dia em levar a cabo determinados projetos devido às condições estruturais muito precárias, aos poucos equipamentos e à escassez de consumíveis.

**9. Existe alguma flexibilidade ou liberdade para a escolha de materiais didáticos na escola?**

Devido à escassez dos próprios materiais didáticos sobretudo nesta área a procura é frenética e por isso a liberdade é total.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Denise. Materiais Didáticos. Curitiba, 2009 Disponível na Internet via <http://arquivos.unama.br/thead/temporario/materiais-didaticos.pdf> acesso em 25/10/2013

Cabo Verde. Lei de Bases do Sistema Educativo, nº 103/III/90 de 29 de Dezembro de 1990. Disponível em [https://portoncv.gov.cv/dhub/porton.por\\_global.open\\_file?p\\_doc\\_id=430](https://portoncv.gov.cv/dhub/porton.por_global.open_file?p_doc_id=430) acesso em 20/10/2013

DEUCHARS, Marion. Vamos fazer um monte de arte: tradução Clarisse Lima. I. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pinakothek, 2011.

FREITAS, N. K.; RODRIGUES, M. H.. O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo. DAPesquisa. vol.3, nº1, 2007-2008. Disponível em [http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf) acesso em 06/11/2013

GATTI, T.; CASTRO R.; OLIVEIRA D.. Materiais em artes: manual para manufatura e prática. Brasília: Secretaria de Estado de Cultura do DF: Fundo da Arte e da Cultura – FAC, 2007.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA M.. A organização do currículo por projetos de trabalho: tradução. Jussara Haubert Rodrigues. 5. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LIMA, Leandro J. L.. Sobre a Situação do Livro Didático no Ensino da Artes Visuais. Brasília, 2011. Disponível em [http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/3565/1/2011\\_LeandroJoseSousaLima.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/3565/1/2011_LeandroJoseSousaLima.pdf) acesso em 20/06/2013

LOYOLA, Geraldo. Abordagens sobre o material didático no ensino da Arte. Escola de Belas Artes – EBA, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2010.  
[http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco\\_objetos\\_crv/%7B7F6FCD05-5ACA-45DF-96F3-E1AEDFD5E93D%7D\\_Abordagens%20sobre%20o%20material%20did%C3%A1tico%20no%20ensino%20de%20Arte.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco_objetos_crv/%7B7F6FCD05-5ACA-45DF-96F3-E1AEDFD5E93D%7D_Abordagens%20sobre%20o%20material%20did%C3%A1tico%20no%20ensino%20de%20Arte.pdf) acesso em 27/10/2013

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. História do Material Didático UFMG / CNPq / FAPEMIG). Disponível em: <http://www.veramenezes.com/historia.pdf> acesso em 24/10/2013

PAULINO, Suzana F.. Livro tradicional x livro eletrônico: A revolução do livro ou uma ruptura definitiva? Revista Digital Hipertextus. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf> acesso em 06/11/2013

PEREIRA, Ana Mafalda G. F.. Subsídios para a História da Educação em Cabo Verde: Organização e Funcionamento do Sector dos Primórdios à República Portuguesa. Praia: Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 2010.

SMITH, Keri. Keri Smith. <http://www.kerismith.com/bio> acesso em 17/11/2013

TEUBER, Mauren. Materiais didáticos destinados a professores de artes visuais: Questões para a pesquisa e para a formação do professor. Disponível em [http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/MAURENTEUBER\\_RESUMO.pdf](http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/MAURENTEUBER_RESUMO.pdf) acesso em 31/10/2013

TRIGUEIROS, Maria Santos. Ensino/Aprendizagem da Língua Inglesa em Cabo Verde - Um Contributo para a História da Educação no Arquipélago. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL), 2010

